

# UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEMS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

### MAPEAMENTO PARTICIPATIVO DA SOCIOBIODIVERSIDADE DE SISTEMAS AGROALIMENTARES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE RIACHO DO MEL, IRAQUARA, CHAPADA DIAMANTINA-BA

**Fabiane Keile Souza Teixeira<sup>1</sup>; Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira<sup>2</sup>**

1. Bolsista – Modalidade Bolsa/PROBIC, Graduando em Agronomia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [fabianekst@gmail.com](mailto:fabianekst@gmail.com)
2. Orientador, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [fpbandeira@uefs.br](mailto:fpbandeira@uefs.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** biodiversidade; comunidades tradicionais; agricultura familiar.

## INTRODUÇÃO

O Brasil é um país com grande diversidade de plantas nativas e cultivadas que constitui a base alimentar e a fonte de matéria prima para atividades de milhares de populações locais. Essa diversidade genética, conservada e manejada por agricultores e agricultoras tradicionais é fruto de um longo e diverso processo de seleção, adaptado a cada realidade local, contudo carece de reconhecimento e valorização, visto que, estas práticas e saberes foram elementos decisivos para a autonomia e a segurança alimentar das comunidades tradicionais e desses pequenos agricultores (Brasil, 2006).

A noção de sociobiodiversidade foi apresentada em 2009 como “sendo a relação entre bens e serviços gerados a partir de recursos naturais, voltados à formação de cadeias produtivas de interesse de povos tradicionais e de agricultores familiares” (Diniz; Cerdan, 2017, p.264). Ainda segundo Diniz e Cerdan (2017, p. 268), é pouca a demanda de produtos da sociobiodiversidade nos mercados consumidores, logo, é necessário que seja estimulado e viabilizado o acesso e a demanda, a fim de se garantir circuitos de proximidade, que mantém/reforçam os hábitos e tradições locais, além de colaborarem com o desenvolvimento das regiões produtoras e possibilitar maior autonomia às famílias.

Toledo e Barrera-Bassols (2015, p.30), definem a biodiversidade como “um conceito muito amplo que se refere à variedade de paisagens, tipos de vegetação, espécies e genes”. Diegues *et al.* (2000, p.03), compartilha do pensamento de que a biodiversidade além de ser um produto da natureza, pode ser também um produto da ação de culturas humanas e das sociedades. Logo, as espécies são objetos de conhecimentos, de domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais e, finalmente, mercadoria nas sociedades modernas.

Diante do exposto, o estudo tem como objetivo mapear a sociobiodiversidade de diferentes agroecossistemas tradicionais (quintais, roças, pastagens e florestas manejadas) em uma comunidade negra rural em Iraquara, Chapada Diamantina na Bahia. Especificamente buscou-se produzir uma cartografia participativa da sociobiodiversidade alimentar da comunidade, com vistas a valorização e difusão de conhecimento para a promoção da diversificação dos sistemas agroalimentares dessas comunidades.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi desenvolvido em Riacho do Mel, uma comunidade quilombola, localizada no município de Iraquara, Chapada Diamantina, Bahia. Para a realização da pesquisa foi tomado como base os pressupostos da pesquisa social, a qual o objeto das ciências sociais é histórico, logo, cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras (Minayo, et al., 2007).

A pesquisa iniciou com o mapeamento participativo com técnicas de etnomapeamento (Bandeira et al., 2018). Por meio de oficinas, moradores delimitaram o território da comunidade, possibilitando a criação de uma poligonal e a visualização do desse território através de imagens de satélite. Com o uso das ferramentas *Google Earth* e *Google Maps* realizou-se uma estimativa da quantidade de famílias que residem na comunidade, assim, foi estimada a existências de duzentas e quarenta e três unidades familiares. Dessas foram selecionadas trinta famílias para realização do estudo e das entrevistas. A seleção foi intencional e estratificada, buscando selecionar famílias nos diferentes setores do núcleo populacional (ruas), para que houvesse uma diversidade espacial das unidades familiares.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturados, utilizando dois formulários: um sobre perguntas gerais da família, outro com perguntas específicas dos cultivos e das roças. As entrevistas foram realizadas com famílias que trabalhavam com a agricultura e aceitaram ser entrevistados, utilizando também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes do início da pesquisa. Assim, as entrevistas foram realizadas na residência dos entrevistados e, quando permitido, eram realizados levantamentos nos quintais e nas roças. Com o uso de GPS (Sistemas de Posicionamento Global) foram registradas as coordenadas de algumas roças. A sistematização, tabulação e análise quantitativa dos dados foi realizada com o programa Microsoft [Excel](1995). A identificação dos cultivos foi realizada a partir de consulta bibliográfica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao total foram realizadas trinta entrevistas com pessoas com idades que variam de 36 a 84 anos, destas 70% foram sexo masculino e 30% feminino. O número de pessoas que moram nas residências dos entrevistados variou de uma a seis pessoas, sendo que o maior percentual (33%) foi com duas pessoas residentes.

Os cultivos mais citados pelas famílias e cultivados em maior escala pelos participantes da pesquisa foram: feijão (*Phaseolus vulgaris* e *Vigna unguiculata*), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), milho (*Zea mays*), mamona (*Ricinus communis*) e banana (*Musa sp.*). Também foram citados, em menor quantidade, o café (*Coffea sp.*), cana-de-açúcar (*Saccharum sp.*) e abacaxi (*Ananas comosus*), cultivados tanto para consumo e alimentação animal quanto para comercialização. Além desses cultivos, também foram citadas com mais frequência a laranja (*Citrus sp.*) e a manga (*Mangifera indica*), mas poucas árvores plantadas, visto que são plantas perenes geralmente cultivadas para consumo.

Ao todo foram citadas aproximadamente 135 etnovariedades. Algumas delas apresentaram uma grande diversidade e como as famílias tem a prática de guardar sementes do cultivo anterior para plantar no próximo, se promove a conservação de etnovariedades locais. Essas etnovariedades são a base da agricultura familiar e da soberania alimentar, elas constituem uma base genética de tolerância e resistência para diferentes tipos de estresse e de adaptação aos ambientes e manejos locais (Machado et.al, 2008). Poucas etnovariedades são cultivadas por um

maior número de famílias, esses cultivos como o milho, a mandioca, o feijão e a mamona compõem a base da agricultura local e são característicos das roças de Riacho do Mel. As demais etnovariedades são cultivadas por uma menor número de famílias de acordo com as características particulares de cada grupo doméstico (variação idiossincrática).

Algumas das etnovariedades de feijão citadas foram: feijão bage roxo/ roxa, feijão de corda, feijão rosinha, feijão andú, feijão roxinho, feijão bago de calango e feijão carioca. Algumas das etnovariedades de mandioca citadas foram: aipim amarelo, aipim cacau, aipim eucalipto, aipim manteiga, aipim roxo, mandioca branca, mandioca branca brava, mandioca casteliana, mandioca jatobá, mandioca mansa, mandioca olho da mata, mandioca olho roxo, mandioca preta e mandioca roxa. E algumas das etnovariedades de mamona foram: mamona cocá, mamona maringá, mamona miúda, mamona nordestina, mamona pintada, mamona preta/mêa e mamona pretinha.

Outros cultivos citados pelos entrevistados, mas em menor frequência, foram: abóbora, acerola, amora, batata doce, cabaça doce, capim, carambola, goiaba, graviola, limão, mamão, maxixe, melancia, palma, pimenta, pinha. Os mais cultivados em horta citados foram: alface, cebola, coentro, couve, rúcula, salsa. As plantas nativas, plantas medicinais ou Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS) citadas foram: berdoegua, boldo, bredo, cambuí, carapiá, graviola/ ticum da serra, hortelã, jabuticaba, jaca, licuri, língua de vaca, mangaba, maria aninha, moringa, ora-pro-nóbis e picão preto.

Os sistemas de policultivo mais recorrente nas roças dos agricultores é do feijão/mamona/milho. O feijão e milho são destinados preferencialmente ao autoconsumo, por outro lado, o milho também é destinado a alimentação animal, enquanto as sementes da mamona são exclusivamente para a comercialização a atravessadores que vendem à Fábrica de Biodiesel instalada em Iraquara. Alguns agricultores também realizam o consórcio de café com abacaxi ou café com mandioca, esse café é usado para consumo e as famílias que o produzem em maior quantidade também comercializam a produção excedentes. Já a mandioca é processada para produção de farinha e tapioca que são consumidos pela família e também comercializadas.

Das 30 famílias entrevistadas, 97% têm a agricultura como atividade primária. Algumas das atividades secundárias citadas foram: a pecuária, comércio em bar, comércio de artesanato e eventuais trabalhos realizado nas roças de outras pessoas (*meeiro*). A média de área das roças foi de aproximadamente 27.559 m<sup>2</sup>, com áreas que variam desde 2.178 m<sup>2</sup> até 172.062 m<sup>2</sup>. Estas áreas abrangem desde o plantio de plantas domesticadas até áreas preservadas e de pastagens. Esses sistemas de produção são localizadas frequentemente distantes do núcleo urbano, onde estão as casas. Ademais, alguns cultivos são realizados em pequenas áreas nos quintais.

Destas roças, 83% são em sistema de sequeiro, o que impacta na produtividade principalmente em períodos de secas, causando perdas a essas famílias, por isso, uma alternativa para os agricultores é realizar o plantio “nos períodos das águas” que ocorrem geralmente a partir de outubro até o início do próximo ano. Poucos cultivos são comercializados, principalmente em roças de sequeiro, as vendas ocorrem quando a produtividade é maior e há excedentes da produção, mas com a seca as perdas são altas e não é possível produzir muito, restando apenas para o autoconsumo. Diante disso, as aposentadorias e programas sociais são muito importantes para a segurança alimentar das famílias.

Além das famílias serem compostas por poucas pessoas, a mão de obra ativa na roça é reduzida. A maior porcentagem (37%) foi de famílias com apenas uma pessoa ativa na roça, a maior parte são chefes do sexo masculino, seguida por famílias com duas pessoas ativas na roça, trabalhos muitas vezes realizados por casais ou por filhos que ajudam seus pais. O interesse em trabalhar com a agricultura tem diminuído principalmente entre os jovens, com isso, os conhecimentos agrícolas e as práticas de cultivos não são reproduzidas, quebrando um ciclo que

era passado através das gerações, por conseguinte, há o risco de que a comunidade não mantenha esse patrimônio biológico e cultural (Brasil, 2006).

Metade das famílias entrevistadas possuem alguma criação, seja de gado, galinha, suínos, peixes ou caprinos. Estas criações geralmente são destinadas a alimentação humana e às vezes comercializadas. Também ocorre o consumo dos ovos das galinhas e produção de produtos derivados do leite, como queijo e doce, que são vendidos para complementar a renda da família. Apenas uma família trabalha com o extrativismo e comercializa produtos advindo do cambuí, mangaba (*Hancornia* sp) e licuri (*Syagrus* sp.). O extrativismo é uma forma de complementar a renda da família, no entanto, é baixa a demanda por estes produtos devido o baixo desenvolvimento dos arranjos produtivos locais das espécies nativas (Diniz & Cerdan, 2017) .

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados obtidos, constatou-se que a comunidade de Riacho do Mel é detentora de uma agrobiodiversidade muito diversificada, e que compõe diferentes agrecossistemas que precisam ser valorizados. Apesar do grande número de agricultores familiares que existem na comunidade, os participantes da pesquisa compartilharam o descontentamento quanto a baixa produtividade, principalmente em períodos de seca, desmotivando os próximos plantios. Desse modo, o que é produzido geralmente é para a subsistência das famílias.

Finalmente, o mapeamento participativo possibilitou realizar o levantamento da agrobiodiversidade e a caracterização dos sistemas agroalimentares da comunidade. Os resultados desse estudo podem dar visibilidade a essa sociobiodiversidade, com a produção subsequente de uma cartilha e a construção de um banco de sementes, para que os moradores, sobretudo os jovens, e a comunidade externa possam conhecer e valorizar esse patrimônio biocultural de Riacho do Mel, incluindo o mesmo como ativo no turismo comunitário que se inicia na comunidade bem como no programa curricular da escola da comunidade.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, F. P; CARDOSO, T; MODERCÍN, I; LOBÃO, J. 2018. Trajetos, trilhas e movimentos: métodos de mapeamento participativo da paisagem e análise dos conflitos ambientais. Feira de Santana: UEFS Editora, 118 p.
- BRASIL. 2006. Ministério do Meio Ambiente. Agrobiodiversidade e diversidade cultural. Brasília: MMA/SBF, nº 20.
- DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S.; SILVA, V. C.; FIGOLS, F. A.; ANDRADE, D. 2000. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: NUPAUB-USP.
- DINIZ, J. D. A. S.; CERDAN, C. 2017. Produtos da sociobiodiversidade e cadeias curtas: aproximação socioespacial para uma valorização cultural e econômica. In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora UFRGS, p. 259-280.
- MACHADO, T. A; SANTILLI, J; MAGALHÃES, R. 2008. A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas. Brasília, DF: Embrapa informações Tecnológica.
- MINAYO, M. C. S (org.); DESLANDES, S; F; GOMES, R. 2007. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 26ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- TOLEDO, V.M; BARRERA-BASSOLS, N. 2015. A Memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular.